

Motivações pragmáticas e(m) contextos *bridging*: o papel das inferências na gramaticalização

Luísa Ferrari¹

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP),
São José do Rio Preto, São Paulo, Brasil
luisa-ferrari@hotmail.com

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v46i1.1554>

Resumo

Neste trabalho, investigamos o papel dos contextos nos estágios iniciais da mudança por gramaticalização, objetivando fornecer evidências de que são arranjos contextuais específicos que criam as condições para o desenvolvimento de formas mais gramaticais (TRAUGOTT, 1988; HEINE, 2002). A importância do domínio contextual para o início da gramaticalização está, principalmente, no fato de que determinados contextos disparam inferências favorecedoras de reanálises de forma e sentido, que são pré-condição para a origem de novos funcionamentos. Para evidenciar o papel das inferências na gramaticalização, desenvolvemos um estudo sincrônico das mudanças que originam construções de junção contrastiva com *agora*, extraíndo, a partir da variedade de contextos em que *agora* pode atuar no português contemporâneo, indícios de arranjos contextuais favorecedores das mudanças.

Palavras-chave: inferências; contextos *bridging*; gramaticalização.

Pragmatic motivations and (in) bridging contexts: the role of inferences in grammaticalization

Abstract

This paper investigates the role of contexts in the initial stages of linguistic change by grammaticalization, aiming to provide evidence that specific contextual clusters raise the conditions for the development of more grammatical forms (TRAUGOTT, 1988; HEINE, 2002). The importance of the contextual domain to the beginning of grammaticalization can be seen mainly in the fact that certain contexts trigger inferences that favor reanalysis in form and meaning, which are precondition for the origin of new functions. In order to highlight the role of inferences in grammaticalization, we present a synchronic study on the changes that give rise to constructions of contrastive junction with *agora*, by extracting, from the variety of contexts in which *agora* can participate in contemporary Portuguese, clues about the contextual clusters that favor the changes.

Keywords: inferences; bridging contexts; grammaticalization.

¹ Apoio financeiro: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), processo nº 2015/21358-6.

1. Introdução

Neste artigo, discutimos o papel da inferenciação pragmática² na gramaticalização, processo de mudança linguística que leva formas menos gramaticais a graus maiores de gramaticalidade, através da conjugação de alterações morfossintáticas e semântico-pragmáticas. Sendo um processo tipicamente acompanhado de um processo de abstratização de significados, as histórias das línguas revelam a tendência de, ao longo das mudanças por gramaticalização, significados mais concretos estarem na base da constituição de significados mais abstratos, não se mostrando recorrente o caminho inverso (HEINE et al., 1991; HOPPER; TRAUGOTT, 2003). Nesse sentido, o processo de mudança em foco se caracteriza por uma unidirecionalidade típica, que tem sido amplamente atestada nos estudos de mudanças por gramaticalização.

Nossa preocupação específica, neste trabalho, pelo papel das inferências na gramaticalização tem em sua base evidências de que as mudanças em direção a significados mais gramaticais se iniciam em e devido a contextos específicos, a partir dos quais emergem inferências de significados pragmáticos, isto é, significados que não fazem parte da semântica original da construção em mudança, mas que são contextualmente associados a ela (TRAUGOTT, 1988; BYBEE, 2002). Assim, assumimos que a compreensão das motivações de um determinado processo de gramaticalização implica, dentre outras questões, a apreensão das especificidades contextuais que levaram à emergência de significados pragmáticos.

Nessa perspectiva, o propósito maior deste artigo está em discutir e fornecer evidências da importância das significações pragmáticas para as mudanças por gramaticalização, especialmente no início do processo. Para tanto, buscamos pistas sincrônicas das motivações pragmáticas de um processo de gramaticalização que amplia o paradigma conjuncional do português. Trata-se das mudanças atravessadas pelas construções com *agora*, que, originalmente, veiculam significados temporais e desempenham, assim, funções essencialmente dêiticas. Ao longo do tempo, tais construções experimentam reanálises morfossintáticas e semântico-pragmáticas, passando a atuar na junção de orações (ou porções textuais maiores) e a expressar significados contrastivos. Os dois funcionamentos, adverbial e juntivo, coocorrem no português contemporâneo, de modo que os usos de *agora* se caracterizam por uma flutuação categorial e de sentido, sendo possível, inclusive, identificar padrões de uso em que seu estatuto funcional e semântico-pragmático é polissêmico, havendo ambiguidade entre as leituras temporal e contrastiva. Com base em Kortmann (1997, p. 176), para quem sentidos sincronicamente relacionados também o são diacronicamente, assumimos que essa fluidez de significados (e de funções) reflete diferentes estágios de desenvolvimento do processo em foco, isto é, assumimos que a variação sincrônica observada nos usos de *agora* carrega indícios importantes da trajetória diacrônica percorrida pelas construções.

² Sendo de fundamental importância para os primeiros estágios da mudança em direção a formas mais gramaticais, o processo de inferenciação pragmática configura-se em um processo por meio do qual características contextuais disparam inferências de que novos significados estão sendo pragmaticamente veiculados, juntamente com os significados originais de uma dada construção (TRAUGOTT, 1988; TRAUGOTT; KÖNIG, 1991; BYBEE, 2015). De acordo com Traugott e Dasher (2004), as inferências pragmáticas resultam não apenas do processo de interpretação por parte do ouvinte/leitor, mas também do processo de elaboração de enunciados por parte do falante/escrevente, que “convida” o ouvinte/leitor a inferir determinados sentidos. Nessa perspectiva, os autores desenvolvem o conceito de “inferências convidadas”, que é adotado neste trabalho e discutido na seção 2.

Assim, lançando mão do princípio do uniformitarismo, segundo o qual é possível elucidar o passado a partir do presente (LABOV, 1972), buscamos, olhando para os usos contemporâneos de *agora*, reunir indícios das forças pragmáticas que, no passado, impulsionaram as mudanças. Acreditamos que essas forças estão intimamente relacionadas a processos de inferência pragmática, que têm origem em arranjos contextuais específicos.

Uma vez que a perspectiva assumida neste trabalho é sincrônica, os resultados alcançados constituirão apenas hipóteses explicativas. Entretanto, destacamos, com base no princípio do uniformitarismo, a relevância de hipóteses sincronicamente levantadas, inclusive para a posterior reconstrução diacrônica de percursos de mudança. Nesse sentido, consideramos que o levantamento de pistas sincrônicas de fatores contextuais que possivelmente dispararam o processo de gramaticalização em foco é um ponto de partida importante para a apreensão dos seus estágios intermediários de desenvolvimento, que constitui nosso objetivo principal em um projeto maior, conduzido sob perspectiva diacrônica, cujo foco está na constituição gradual dos novos usos de *agora* (e também de *now*, do inglês, que apresenta percurso de mudança similar). Em tal estudo, investigamos, dentre outras questões, as contínuas reanálises contextuais de forma e significado que, gradualmente, levaram à constituição da função de juntor contrastivo. Assim, o presente trabalho contribui com uma etapa do projeto em questão, já que nos fornecerá indícios dos contextos iniciais da mudança.

Para a constituição do material de análise, partimos do pressuposto de que as escolhas linguísticas são profundamente influenciadas pela situação de enunciação em que um texto se insere. De acordo com Longhin (2014), a temática, as finalidades comunicativas do locutor e outras condições de produção favorecem o uso de determinadas construções linguísticas e não de outras (LONGHIN, 2014, p. 56-57). Assim, como *corpus* de investigação, utilizamos o conjunto de inquéritos que compõem a amostra censo do banco de dados Iboruna, constituído de tipos de texto favoráveis³, em nossa perspectiva, tanto aos usos temporais quanto aos usos contrastivos de *agora*, já que envolvem a narração de fatos (particularmente importante para o uso de expressões temporais) e a emissão de opiniões (particularmente importante para o uso de expressões orientadas à argumentação, dentre as quais estão jutores contrastivos). O *corpus* compreende um total de 501 ocorrências de *agora*, a partir das quais identificamos três padrões de uso principais: tempo, tempo/contraste e contraste. Desses padrões, caracterizados ao longo da análise, nosso foco estará em tempo/contraste, já que nossa hipótese inicial, com base em Heine (2002), é a de que pistas do início do processo de reanálise estão principalmente nos contextos em que significado fonte e significado alvo coexistem, sendo este ainda veiculado apenas pragmaticamente.

Na próxima seção, apresentamos os principais pressupostos teóricos que norteiam o trabalho, estando particularmente relacionados ao princípio de que os primeiros estágios da gramaticalização, em especial, se caracterizam por um enriquecimento pragmático. Na sequência, analisamos o papel das inferências especificamente nas mudanças atravessadas pelas construções com *agora*. Por fim, apresentamos as conclusões do trabalho.

³ Os tipos de texto que constituem os inquéritos do Iboruna são: narrativa de experiência, narrativa recontada, descrição de local, relato de procedimento e relato de opinião.

2. O fortalecimento pragmático nos estágios iniciais da gramaticalização

O processo de desenvolvimento de formas mais gramaticais se caracteriza por uma gradualidade típica (assim como qualquer processo de mudança linguística), constituindo-se de um conjunto de estágios sucessivos em que se processam reanálises morfossintáticas e semântico-pragmáticas. Com base em Heine (2002, p. 83), assumimos que os estágios sucessivos envolvidos na gramaticalização tendem a ser refletidos na forma de diferentes arranjos contextuais. Essa associação entre estágios de evolução e contextos constitui um princípio norteador do estudo aqui desenvolvido, já que é justamente o que nos leva a buscar hipóteses sobre as motivações pragmáticas dos novos usos de *agora* no domínio contextual.

Correlacionando etapas de desenvolvimento e arranjos contextuais, Heine (2002) propõe um modelo de contextos que busca apreender o desenvolvimento gradual dos processos de gramaticalização. De acordo com o autor, tais processos tendem a se constituir de quatro diferentes estágios/contextos, que não são discretos, embora possam parecer a princípio. A distinção entre eles é, segundo Heine, apenas uma estratégia de simplificação dos fatos, pois, na verdade, lida-se com um *continuum* do primeiro ao quarto estágio (HEINE, 2002, p. 86), o que coloca novamente em evidência a gradualidade típica da gramaticalização. O Quadro 1 apresenta o modelo proposto por Heine (2002).

Quadro 1. O modelo de Heine (2002)

| Estágio | Contexto | Significado alvo |
|------------------------------|---|--|
| I. Estágio inicial | Não restrito. | Significado fonte. |
| II. Contexto <i>Bridging</i> | Há um contexto específico ⁴ que leva à emergência de uma inferência em favor de um novo significado. | Significado alvo torna-se saliente. |
| III. Contexto <i>Switch</i> | Há um novo contexto que é incompatível com o significado fonte. | Significado fonte obscurecido, em segundo plano. |
| IV. Convencionalização | O significado alvo não precisa mais ser sustentado pelo contexto que deu origem a ele; pode ser usado em novos contextos. | Só o significado alvo. |

Como mostra o quadro, observa-se que, de acordo com a proposta de Heine (2002), conforme o processo de gramaticalização vai se desenvolvendo, o significado alvo vai se tornando cada vez mais saliente, até ser o único significado possível e não mais depender dos traços contextuais que lhe deram origem (estágio de convencionalização). O conjunto de tipos contextuais que tende a estar presente nas mudanças por gramaticalização pode ser acessível, segundo Heine (2002, p. 83), na forma de variação contextual sincrônica. Tal possibilidade existe especialmente nos casos em que o significado fonte e o significado alvo coexistem em um determinado estado sincrônico da língua (HEINE, 2002). Esse é justamente o caso da gramaticalização das

⁴ Heine (2002) ressalta que pode haver mais de um contexto *bridging*, isto é, o processo de inferência pragmática que leva à emergência de novos significados pode ser disparado por mais de um tipo de arranjo contextual (HEINE, 2002, p. 84).

construções com *agora*, já que, no português contemporâneo, observamos usos tanto temporais quanto contrastivos de *agora*. Assim, seguindo Heine (2002), acreditamos que os diferentes contextos/estágios envolvidos no processo de gramaticalização em foco podem ser apreendidos a partir da variação sincrônica observada nos usos contemporâneos de *agora*. Assumindo, portanto, a correlação entre contextos e estágios de mudança e a possibilidade de reconhecer sincronicamente a sucessão diacrônica de etapas de desenvolvimento, tomamos a proposta de Heine (2002) como base para o levantamento de hipóteses sobre as motivações pragmáticas da gramaticalização das construções com *agora*, admitindo, portanto, que essas motivações estão nos contextos que o autor denomina *bridging*.

Assumir que contextos constituídos por significados pragmáticos adicionais ao significado fonte estão na base da gramaticalização implica assumir que esse processo é essencialmente um processo de enriquecimento de significados, ao contrário do que admite a perspectiva fundamentada na noção de *bleaching* semântico, segundo a qual a gramaticalização consiste em um processo marcado por perda de significações. Heine e Reh (1984 apud HOPPER; TRAUGOTT, 2003, p. 94, tradução nossa), por exemplo, concebem o processo como “uma evolução através da qual unidades linguísticas perdem em complexidade semântica, significação pragmática, liberdade sintática e substância fonética⁵”. É fato que, ao longo da gramaticalização, velhos significados tornam-se enfraquecidos. Entretanto, especialmente no início do processo, evidencia-se um fortalecimento contínuo de significados, a partir do qual construções já existentes na língua são associadas a novos sentidos. Nessa perspectiva, Hopper e Traugott (2003) argumentam que, quando se focaliza o início da gramaticalização e suas motivações, o que se destaca não é um processo de perda/enfraquecimento, mas de fortalecimento e enriquecimento pragmático. Assim, de modo geral, é possível relacionar os primeiros estágios da gramaticalização com fortalecimento pragmático e os estágios posteriores do processo com *bleaching* (TRAUGOTT, 1988)⁶.

Segundo Bybee (2015, p. 133), o meio mais comum de adição de significados são justamente as “inferências feitas pelo ouvinte no contexto particular em que a construção é usada”. Assumimos, portanto, que as inferências pragmáticas constituem a principal via para a emergência de novos significados e, conseqüentemente, para o disparar do processo de gramaticalização. No entanto, seguindo Traugott (2010a) e Traugott e Dasher (2004), entendemos que tais inferências têm origem não apenas no ouvinte, mas consistem em inferências *convidadas*, isto é, são inferências intencionadas pelo falante/escrevente, que molda seus enunciados em função de seus objetivos. Assim, a noção de inferência convidada busca “apreender as complexidades da comunicação em que o falante/escrevente evoca implicaturas e convida o ouvinte/leitor a inferi-las”⁷ (TRAUGOTT; DASHER, 2004, p. 05, tradução nossa). Os termos “evocar” e “convidar” evidenciam o papel ativo do falante/escrevente no processo de inferenciação pragmática e fazem parte de uma perspectiva de mudança orientada para a produção, que concebe o falante/escrevente como o negociador principal de significados (TRAUGOTT;

⁵ “An evolution whereby linguistic units lose in semantic complexity, pragmatic significance, syntactic freedom, and phonetic substance”

⁶ Vale lembrar que essa correlação constitui uma tendência evidenciada nos fenômenos de gramaticalização, devendo cada caso ser analisado de acordo com suas particularidades.

⁷ “To elide the complexities of communication in which the speaker/writer evokes implicatures and invites the addressee/reader to infer them”.

DASHER, 2004). O ouvinte/leitor, entretanto, também desempenha uma função essencial na negociação de significados. De acordo com Bybee (2015), os ouvintes continuamente se perguntam por que os falantes estão lhe dizendo o que estão dizendo, em uma busca constante por identificar os objetivos dos falantes (BYBEE, 2015).

Com base em Traugott e König (1991) e Hopper e Traugott (2003), assumimos que as inferências (convidadas) típicas dos primeiros estágios da gramaticalização têm origem em dois processos principais de inferenciação: a metáfora e a metonímia, que não são mutuamente exclusivas, mas complementares (HOPPER; TRAUGOTT, 2003). Assim, em um amplo conjunto de fenômenos, observam-se processos metafóricos e metonímicos atuando juntos na mudança.

Processos metafóricos permitem o entendimento e a experenciação de uma coisa em termos de outra (HOPPER; TRAUGOTT, 2003), favorecendo inferências de que um significado mais abstrato (mais distante da experiência sociofísica dos usuários da língua) está sendo veiculado a partir de um significado mais concreto (cognitivamente menos complexo). Assim, as inferências de caráter metafórico abrem caminho para que domínios de sentido diferentes sejam aproximados, possibilitando que, ao longo do tempo, um domínio passe a ser representado em termos de outro. A tendência de que significados mais concretos sejam mobilizados para a expressão de significados mais abstratos é amplamente atestada nas histórias das línguas, de modo que a mudança metafórica se caracteriza por uma direcionalidade típica (concreto > abstrato), a qual está intrinsecamente relacionada à própria unidirecionalidade da gramaticalização. Na verdade, a unidirecionalidade das mudanças de significado em geral é com frequência atribuída à unidirecionalidade dos mapeamentos metafóricos (HEINE et al., 1991; SWEETSER, 1991). Especialmente as mudanças de significado que ocorrem no início da gramaticalização mostram-se motivadas por processos de inferenciação metafórica, tendo em vista que uma das motivações de base da gramaticalização está no propósito cognitivo-comunicativo de mobilizar categorias semânticas mais concretas (ou menos abstratas) para que deem suporte à compreensão de categorias semânticas mais abstratas. É nesse sentido que Hopper e Traugott (2003) argumentam que os processos metafóricos são processos de inferenciação que se desenvolvem através de fronteiras conceituais (HOPPER; TRAUGOTT, 2003), isto é, geram inferências por meio da analogia entre domínios de sentido.

As inferências de natureza metafórica estão fortemente relacionadas ao modo como os indivíduos, enquanto seres humanos antes que usuários de uma língua, conceitualizam e experienciam o mundo, de modo que esse tipo específico de inferência é decorrente de estruturas conceituais, isto é, de estruturas que extrapolam as particularidades dos sistemas linguísticos e levam falantes/escreventes de diferentes línguas a se relacionar com o mundo de modo similar (apesar das diferenças provenientes principalmente da heterogeneidade cultural). Traugott e Dasher (2004, p. 07, tradução nossa) concebem estruturas conceituais como estruturas altamente abstratas (tais como movimento e lugar) que são “mais ou menos estáveis e uniformes através da espécie humana”⁸. Assim, essas estruturas permitem entender por que línguas sem nenhum tipo de relação atravessam processos de mudança similares. Isso não significa, conforme argumentam Traugott e Dasher (2004), que todos os sistemas linguísticos se constituem das mesmas estruturas conceituais (apesar de muitas delas se mostrarem constantes

⁸ “More or less stable and consistent across the human species”.

através das línguas). O fato é que, “se as estruturas são as mesmas, então *as mesmas inferências convidadas podem surgir*”⁹ (TRAUGOTT; DASHER, 2004, p. 17, grifo e tradução nossos). É evidente, portanto, a importância das estruturas conceituais para os processos de inferenciação, especialmente para a inferenciação metafórica, já que, a depender da estrutura conceitual envolvida em uma construção, determinadas inferências (convidadas) serão disparadas, e não outras, evidência de que o trânsito metafórico de um domínio de sentido a outro é sistemático, não sendo qualquer significado fonte que dá origem a qualquer significado alvo.

Não apenas processos de inferenciação metafórica podem atuar na gramaticalização. Conforme já mencionado, Traugott e König (1991) e Hopper e Traugott (2003) argumentam que, nesse tipo de mudança, processos metonímicos também funcionam como disparadores de inferências pragmáticas, desempenhando um papel tão importante quanto o da metáfora.

Enquanto as inferências de natureza metafórica surgem a partir da associação por analogia entre domínios de sentido, as inferências de natureza metonímica resultam de reinterpretações decorrentes da contiguidade contextual, de modo que, nos processos metonímicos, também ocorre associação semântica, mas ela se dá em um nível sintagmático. Assim, as inferências metonímicas emergem a partir de fatores contextuais que indiciam a existência de significados adicionais, não explicitamente codificados, mas expressos pragmaticamente. Entretanto, embora o ponto de partida de uma inferência convidada seja o contexto estrutural, sintagmático, contextos pragmáticos podem também estar (e geralmente estão) atuando, no sentido de que, em muitos casos, uma inferência só é possível se o conhecimento de mundo e os modelos cognitivos dos interlocutores forem mobilizados.

Tendo em vista que as inferências disparadas por processos metonímicos são resultado de reinterpretações contextualmente condicionadas, a atuação da metonímia e sua importância para a gramaticalização só podem ser analisadas ao se considerar o(s) contexto(s) em que uma dada construção se gramaticaliza. Segundo Hopper e Traugott (2003), a metonímia foi por muito tempo considerada um processo de menor importância na gramaticalização justamente pelo fato de que pouca atenção era dada aos contextos de uso das formas em mudança.

Uma vez que, neste trabalho, assumimos que as construções com *agora* se gramaticalizam em (e devido a) arranjos contextuais específicos e associamos, com base em Heine (2002), estágios de desenvolvimento e contextos, damos uma atenção especial para as inferências que emergem a partir de processos metonímicos de reanálise contextual, buscando identificar, principalmente, fatores contextuais que levam as construções em estudo à expressão não apenas de significados temporais, mas também de significados contrastivos.

Apresentados os principais fundamentos teóricos que norteiam nossa busca por indícios das motivações pragmáticas disparadoras e condutoras da gramaticalização das construções com *agora*, partimos para a análise dos dados, na expectativa, conforme já dito, de que, sincronicamente, conseguiremos pistas dos contextos *bridging* que, promovendo um enriquecimento pragmático de significados, impulsionaram as mudanças.

⁹ “If the structures are the same, then *the same invited inferences can arise*”.

3. Gramaticalização e enriquecimento pragmático: o caso das construções com *agora*

3.1 Considerações iniciais e resultados quantitativos

O *corpus* de investigação forneceu um total de 501 ocorrências de *agora*, a partir das quais identificamos três padrões de uso, explicitados na Tabela 1, abaixo.

Tabela 1. Frequência dos padrões de uso de *agora*

| Padrões | Frequência |
|-----------------|-----------------|
| Tempo | 270/501 (53,9%) |
| Tempo/contraste | 88/501 (17,6%) |
| Contraste | 134/501 (26,7%) |

A análise dos dados foi conduzida sob uma perspectiva que alia aspectos qualitativos a aspectos quantitativos, por meio do critério *frequência*. Segundo Bybee (2003), a frequência deve ser levantada através de dois métodos diferentes, que conduzem a dois tipos distintos de frequência: a frequência *token*, que corresponde à frequência com que um item/construção ocorre em um texto, e a frequência *type*, que se volta para o significado do item/construção em análise.

Entendemos que essa conjugação de aspectos quantitativos e qualitativos é fundamental na busca por motivações de mudanças, tendo em vista que a frequência de uso tem um papel significativo na emergência de novos significados. De acordo com Bybee (2002), os significados abstratos resultantes da gramaticalização surgem a partir de padrões comuns de inferência, no sentido de que a recorrência de um determinado padrão de inferências pode levá-las a se tornar parte da semântica da construção (BYBEE, 2002). Assim, a frequência de uso do padrão tempo/contraste – que, como já explicitado, é o padrão aqui focalizado em função de nossos objetivos – constitui um aspecto de grande importância para a análise, sendo discutido adiante, na seção 3.2.

Como mostra a Tabela 1, na sincronia do português analisada, os usos temporais de *agora* ainda são os que predominam (53,9%), coexistindo com uma frequência significativa de usos contrastivos (26,7%) e de usos que veiculam tanto o sentido de tempo quanto o de contraste (17,6%).

Neste trabalho, não discutiremos em detalhes todos os padrões de uso identificados, tendo em vista nossos objetivos. Entretanto, antes de focalizar o padrão que nos interessa aqui (tempo/contraste), apresentamos, abaixo, um exemplo do *corpus* representativo do padrão temporal, a fim de caracterizar o significado fonte envolvido no processo de gramaticalização em foco.

- (01) Eu acho que:: nesse mundo atual que nós estamos vivendo **agora** eu acho que nas escolas já é o suficiente pe/ pelo que eles... estão... passando pra gente... igual eu tive o ano passa::do... eu tive uma palestra sobre::... as doenças sexualmente transmissíveis (Iboruna/AC-036: 81).

Em (01), *agora* configura-se em um advérbio temporal que veicula tempo presente em sentido amplo, isto é, referencia não o momento presente exato da enunciação, mas a época em que ela acontece, o que é indicado pelo próprio adjetivo *atual* que qualifica *mundo*. Em seu funcionamento adverbial, *agora* pode expressar não apenas tempo presente, mas também tempo passado e futuro. Quando exprime passado, associa-se a verbos com morfologia de passado e, quando veicula tempo futuro, pode se combinar

tanto com a morfologia verbal de presente (um verbo que, embora conjugado no presente do indicativo, faz referência a um momento futuro) quanto com a morfologia de futuro. Entretanto, mesmo quando não fazem referência ao presente, os usos temporais de *agora* se mantêm ligados a ele, no sentido de que caracterizam os eventos passados ou futuros como eventos próximos ao momento presente. Assim, o passado e o futuro que podem ser expressos pelas construções com *agora* consistem em um passado recente e um futuro próximo. Essa especificidade que caracteriza os usos temporais do item pode ser vista como ligada à própria natureza dêitica inerente à semântica de *agora*: *agora* é um advérbio dêitico em essência, de modo que, mesmo ao veicular passado ou futuro, não deixa de manter relações com o momento de enunciação. Morfossintaticamente, enquanto advérbio de tempo, o item se caracteriza por uma mobilidade sentencial típica, podendo ocupar, sem prejuízo de sentido, diversas posições na oração em que se insere.

Dentre as muitas propriedades que caracterizam o funcionamento adverbial de *agora*, aqui nos interessam as relações temporais de sequencialidade de que o item participa em muitos contextos, pelo fato de que essas relações, conforme a análise dos dados mostrou, estão na base das inferências de contraste nos contextos *bridging*. Antes de tratarmos da importância de tais relações para o processo, apresentamos, em (02), um exemplo de uso contrastivo de *agora*, para ilustrar seu funcionamento juntivo.

- (02) As duas motos ficô(u) qua::se em oitocentos reais a minha e a dele mas a dele do que a minha... que a dele... estragô(u) bem mais a minha só foi a parte da frente que teve que alinhá::(r)... um espelho que teve que trocá::(r)... num foi quase nada só alinhamento e::... uns negocinho da roda... **agora** a dele estragô(u) bastante (Iboruna/AC-050: 127).

No exemplo, observamos que *agora* indicia uma relação contrastiva entre o enunciado anterior e o enunciado por ele introduzido. Não é possível, nessa construção, recuperar o sentido temporal originalmente veiculado pelas construções. É importante notar o papel desempenhado pela construção como um todo na expressão de contraste: *agora* explicita esse sentido, mas a oposição semântica entre *não foi quase nada* e *estragou bastante* também atua na construção da relação contrastiva, que está fundada em uma relação comparativa entre dois elementos, indicados pelos sintagmas *a minha* e *a dele*. Assim, o contraste se estabelece a partir da comparação *a minha X, a dele Y*, em que X e Y se constituem de conteúdos proposicionais compreendidos pelo falante como opostos. Optamos por conceber os conteúdos de X e Y como considerados em oposição *pelo falante* pelo fato de assumirmos, com base em Sweetser (1991), que a categoria semântica de contraste se constitui a partir de um alto grau de subjetividade, tendo em vista que, conforme já dito, relações contrastivas não estão pré-estabelecidas no mundo, mas são construídas a partir de avaliações subjetivas de falantes/escreventes.

Os significados contrastivos que podem ser expressos pelas construções com *agora* têm origem, de acordo com nossa análise, nas relações temporais de sequencialidade que estão entre os usos adverbiais de *agora*. Nem sempre as construções com *agora* participam de relações de sequencialidade, mas, quando participam, inferências de contraste emergem a partir de tais relações. Não é apenas o fator *sequencialidade* que dispara inferências de significados contrastivos: nossa análise identificou um conjunto de aspectos que, combinados ao valor temporal de sequencialidade, formam arranjos contextuais que codificam tempo e veiculam pragmaticamente contraste. Esses são os contextos que, na hipótese adotada, atuaram como *bridging* na gramaticalização das construções em foco, isto é, funcionaram como

uma “ponte” (como o próprio termo *bridging* sugere) entre o significado de tempo e o significado de contraste. Assim, destinamos a próxima seção à caracterização de tais contextos, buscando mostrar o papel da sequencialidade temporal na emergência de inferências de contraste e de outras marcas contextuais que, aliadas a ela, também se mostram essenciais aos processos de inferenciação. É importante notar, entretanto, que, independentemente dos demais traços contextuais em jogo, os contextos que aqui tomamos como *bridging* sempre se caracterizam por uma relação de sequencialidade, o que nos leva a assumir essa relação como o principal fio condutor da mudança.

3.2 As construções com *agora*: motivações da mudança e(m) contextos *bridging*

Conforme mostrou a Tabela 1, acima, o padrão tempo/contraste constitui 17,6% do total de ocorrências de *agora* fornecidas pelo *corpus*. Embora as frequências do padrão exclusivamente temporal e do padrão exclusivamente contrastivo sejam consideravelmente mais altas, a frequência dos contextos em que os dois sentidos são expressos (padrão tempo/contraste) é, a nosso ver, significativa, especialmente se se considerar que, no português contemporâneo, já há construções com *agora* exclusivamente contrastivas e, ainda assim, configuram-se quadros contextuais em que tanto tempo quanto contraste estão em jogo. Desse modo, o fato de as construções com *agora* temporais, as temporal-contrastivas e as contrastivas apresentarem sincronicamente frequências de uso tão significativas como as apresentadas reforça nossa hipótese de que essa variação contextual reflete os diferentes contextos correspondentes aos estágios sucessivos através dos quais os novos usos emergiram.

Como mencionamos no final da seção anterior, as ocorrências típicas do padrão tempo/contraste se caracterizam por uma relação de sequencialidade temporal, isto é, por um contexto em que se instaura uma relação entre um tempo anterior e um tempo posterior. Essa relação pode se dar, de acordo com nossos dados, a partir de três diferentes combinações: passado – passado, passado – presente e presente – futuro. Em qualquer uma delas, a construção com *agora* veicula, em 100% dos casos, tempo posterior, de modo que, mesmo nas ocorrências em que veicula passado (recente), *agora* faz referência a um evento posterior a outro evento descrito, que é, portanto, localizado em um tempo ainda mais passado do que aquele referido pela construção com *agora*.

O contraste que emerge (pragmaticamente) dos contextos em análise tem origem justamente da posterioridade veiculada pela construção com *agora*, na medida em que se configura um tempo posterior que, em algum aspecto, se contrapõe a um momento anterior. Assim, admitimos que o contraste expresso pelas novas construções com *agora* se origina em um contraste primeiramente temporal, a partir do qual as situações descritas também são reanalisadas como contrastivas. Esse contraste temporal está na base de todos os contextos *bridging* identificados. Apesar disso, optamos por distinguir diferentes tipos de contexto *bridging*, já que o objetivo do artigo é levantar hipóteses de fatores contextuais que tenham disparado as inferências pragmáticas motivadoras da mudança. Assim, focalizaremos a partir de agora diferentes tipos de motivações contextuais que se mostraram recorrentes nos dados, assumindo, entretanto, que a diferença entre elas está apenas no modo como dão suporte às inferências de contraste, fazendo parte de um quadro contextual em que uma relação temporal de sequencialidade é reinterpretada como uma relação temporal contrastiva.

Dentre os contextos *bridging* identificados, o que se mostrou mais frequente (53,3% do total das ocorrências de tempo/contraste) se caracteriza por uma oposição

semântica entre itens/expressões lexicais (exemplo 03, abaixo) ou mesmo entre orações inteiras (exemplo 04). Em geral, esse tipo de contexto é também constituído por uma oposição entre expressões adverbiais que veiculam tempo anterior e *agora*, sendo, portanto, recorrentes oposições como *antes x agora*, *antigamente x agora*, *nunca x agora*. Os exemplos (03) e (04) ilustram o tipo contextual em análise.

(03) A igreja é uma igreja não grande... Era grande antes... **agora** é pequena tá?... pela quantidade de gente que tá indo (Iboruna/AC-106: 279).

(04) Eu nunca tive noção de como preenchê(r) um cheque... **agora eu tenho noção** de preenchê(r) um cheque nominal:: cheque cruza::do... (Iboruna/AC-039: 91).

Em (03), observa-se um contraste entre um tempo anterior (*antes*) e um tempo posterior (*agora*), a partir do qual se estabelece também uma relação contrastiva entre um estado anterior (*grande*) e um estado posterior (*pequena*). A possibilidade de as construções com *agora* participarem de relações de sequencialidade temporal, envolvendo-se, a partir delas, em contextos de contraste no tempo, constitui, em nossa perspectiva, um primeiro passo para a reanálise de *agora* como juntor contrastivo. A oposição semântica entre constituintes e a oposição entre *agora* e outras expressões adverbiais contribuem para fortalecer as inferências de contraste, pois funcionam como indícios contextuais de que valores contrastivos também estão sendo veiculados pelo locutor, que intenciona, portanto, expressar uma relação não apenas temporal, mas também contrastiva.

Em (04), também observamos a oposição entre os valores temporais expressos pelos advérbios *nunca*, que remete a um tempo anterior, e *agora*, que veicula posterioridade, bem como entre o conteúdo proposicional veiculado pelas orações *nunca tive noção* e *agora tenho noção*. Nessa construção, é significativo o paralelismo estrutural a partir do qual os enunciados se articulam: ambas se constituem da estrutura [*advérbio temporal*] [*sujeito*] (que, na segunda oração, está oculto) [*verbo “ter”*] [*complemento “noção”*]. O advérbio *nunca* nega o conteúdo proposicional da oração que ocupa, ao passo que, na oração introduzida por *agora*, o mesmo conteúdo proposicional é afirmado, configurando-se, assim, uma relação que é, ao mesmo tempo, temporal e contrastiva, embora o sentido de tempo ainda se sobressaia.

Em outro conjunto de ocorrências em que se observa polissemia entre os sentidos de tempo e contraste, os arranjos contextuais que disparam as inferências de significados contrastivos são constituídos de marcas dialógicas, isto é, marcas que indiciam uma orientação dialógica nos enunciados em que se inserem (TRAUGOTT, 2010). De acordo com Schwenter (2000), um enunciado assume orientação dialógica quando se constitui de pontos de vista que caminham para direções opostas, isto é, que são constituídos como opostos argumentativamente, pois estão orientados a diferentes conclusões (SCHWENTER, 2000). Nessa perspectiva, contextos dialógicos são essencialmente contextos de contestação e refutação, tendendo, portanto, a veicular significados contrastivos.

A observação de que contextos constituídos de marcas dialógicas estão entre os contextos *bridging* motivadores das mudanças atravessadas pelas construções com *agora* – que, em seus usos contrastivos, revelam-se altamente dialógicas –, vai ao encontro do que postula Traugott (2010b), que sinaliza a tendência de significados dialógicos emergirem a partir de contextos dialógicos. Assim, a autora atribui um papel essencial a

esses contextos, tendo em vista que, segundo ela, expressões dialógicas geralmente derivam de expressões não-dialógicas (TRAUGOTT, 2010b), de modo que o trânsito não-dialógico > dialógico é possibilitado justamente por contextos tipicamente dialógicos. Nesse sentido, os contextos a partir de *agora* focalizados mostram-se fundamentais para compreendermos a origem da significação dialógica construída pelas novas construções com *agora*.

Em nossos dados, identificamos dois tipos de marcas de dialogicidade que desempenham um papel importante na emergência do sentido de contraste a partir das construções temporais com *agora*. A frequência com que essas marcas aparecem nos dados é significativa, constituindo 46,7% das ocorrências temporal-contrastivas. Retomando Bybee (2002), que ressalta a importância de padrões comuns de inferência para o desenvolvimento de novos significados, podemos considerar essa importante frequência de marcas dialógicas, configurando contextos que disparam inferências de contraste como um forte indício de que quadros contextuais dialógicos provavelmente estão de fato dentre as principais motivações pragmáticas que impulsionaram o desenvolvimento das construções contrastivas com *agora*.

Embora os tipos contextuais apresentados a seguir sejam constituídos de marcas explícitas de dialogicidade (daí os denominarmos contextos dialógicos), é possível notar que os contextos anteriormente discutidos (caracterizados principalmente por uma oposição semântica entre constituintes oracionais) também exibem uma orientação dialógica, na medida em que se constituem de conteúdos proposicionais que caminham em direções opostas. Assim, apenas optamos por apresentar separadamente os contextos anteriores dos contextos em foco a seguir pelo fato de estes serem constituídos de marcas explícitas de dialogicidade, de modo que consideramos importante elucidá-las e chamar a atenção para o modo como elas, explicitamente, contribuem para a configuração de contextos dialógicos.

As construções (05) e (06), abaixo, exemplificam os dois tipos de marcas de dialogicidade encontradas em nossos dados: juntores contrastivos e partículas negativas (38,2% e 61,8% do total de marcas dialógicas identificadas, respectivamente).

- (05) A parede em todos os apartamentos é branca... de todos... de todos os cômodos... aí na FRENte da:... do:... do quarto do meu tio tem o ateliê... do meu vô... onde meu vô pintava... então lá tem... tem tem... tipo uma TEla exposta assim que ele tava fazen(d)o... e **mas agora** virô(u) um quarto lá tam(b)ém... quando vai gente dormí(r) lá... virô(u) um quartinho... (Iboruna/AC-043: 108).
- (06) As ro(u)pas que eu vestia... eu num escolhia... era minha mãe que escolhia ela comprava ro(u)pa pra todos nós... e **agora não**... o/ o bichinho tá pequeno vai lá na gaveta –“essa ro(u)pa eu num quero” (Iboruna/AC-114: 303).

Em (05), *agora* participa de uma oração introduzida por *mas*, um juntor tipicamente contrastivo, de modo que parece possível considerar que o trabalho conjunto de *mas* e *agora* (o primeiro codificando contraste propriamente dito, o segundo sinalizando uma relação temporal contrastiva) torna o significado de contraste mais saliente. Schwenter (2000) destaca o alto grau de dialogicidade de expressões adversativas, que, segundo o autor, sinalizam uma incompatibilidade entre pontos de vista. Na construção em análise, não são exatamente pontos de vista que estão em relação de oposição, mas o falante interpreta, conforme explicita o juntor *mas*, dois estados de

coisas como contrastivos. Lembramos aqui o caráter altamente subjetivo da categoria semântica de contraste. Como se pode notar em (05), não há necessariamente uma relação contrastiva entre a existência primeira de um ateliê e a posterior mudança do lugar para um quarto; é o falante que atribui a essa mudança no tempo um estatuto contrastivo.

O exemplo (06) ilustra a marca dialógica mais frequente nos dados: partículas negativas. A natureza dialógica da negação está no papel de refutação que ela desempenha, à medida em que partículas negativas atuam “negando ou corrigindo a ‘verdade’ de um enunciado ou proposição anterior”¹⁰ (GIVÓN, 1978 apud TRAUGOTT, 2010b, p. 15, tradução nossa). Em (06), *não* nega, para o momento presente, expresso por *agora*, a “verdade” do conteúdo proposicional apresentado no enunciado anterior, indicando, assim, que a situação atual ao momento da enunciação difere da situação anterior, observada no passado. *Não* refuta toda a afirmação anterior, que sugere que, no passado, eram as mães que escolhiam as roupas dos filhos. Dessa forma, a construção *agora não* conduz a uma conclusão contrária, a de que “atualmente, as mães não escolhem as roupas de seus filhos”, o que é implicado pelo falante logo no enunciado seguinte, em que, por meio de um exemplo (*o bichinho tá pequeno vai lá na gaveta – “essa ro(u)pa eu num quero*), ele sugere que, na época atual, são os filhos que escolhem as roupas que querem usar.

Em muitas ocorrências do *corpus*, observamos a negação sendo reforçada por meio dos advérbios *mais* (principalmente) e *já* (em menos casos), conforme mostra o exemplo (07).

- (07) Aonde eu sempre fico é lá no FUNdo mesmo que tá é bem gostoso tem::... um jardim:: assim cheio de gra::ma... tem a ducha lá que é onde... ia tê(r) pisCIna... **agora num** vai **mais** (Iboruna/AC-010: 30).

De acordo com Cunha e Oliveira (1993), além de funcionarem como um reforço nas orações negativas, *mais* e *já*, nesse tipo de construção, indicam também que houve mudança em uma situação anteriormente apresentada. Esse aspecto do uso dos advérbios em questão evidencia que eles também exercem um papel importante no desenvolvimento de inferências de contraste, já que o sentido de mudança no tempo sugere diferença, que constitui um tipo de contraste – se uma situação X caracteriza um tempo A e uma situação Y caracteriza um tempo B, configura-se um contraste temporal, que, conforme nossos dados permitem hipotetizar, está na base dos significados contrastivos veiculados pelas novas construções com *agora*. Nessa perspectiva, o uso dos advérbios *mais* e *já* para reforçar a negação também podem ser vistos como traços contextuais indicadores de dialogicidade.

Ressaltamos que, embora tenhamos apresentado separadamente contextos que, de acordo com nossos dados, podem ser hipotetizados como *bridging*, eles não se excluem, isto é, essa separação não sugere que um contexto se destaca como *bridging* ou porque se constitui de marcas dialógicas explícitas ou porque se caracteriza por oposição semântica entre constituintes oracionais. Na verdade, em muitas construções, observamos a atuação conjunta dos traços contextuais identificados, de modo que há casos em que têm um papel decisivo para as inferências de contraste tanto itens/expressões semanticamente opostos quanto marcas dialógicas explícitas. Nosso intuito em discutir separadamente esses traços

¹⁰ “Denying or correcting the ‘truth’ of a prior proposition or utterance”.

contextuais esteve apenas em mostrar a particularidade de cada um e sua contribuição específica para a emergência das inferências de contraste.

Um outro aspecto, identificado nos dados, que constitui, em nossa perspectiva, mais um indício de que os contextos acima caracterizados são, provavelmente, os contextos que funcionaram como *bridging* na gramaticalização das construções com *agora* é a posição ocupada por *agora* nas construções. Com exceção dos contextos constituídos por um juntor contrastivo, *agora* ocupa, na maioria das ocorrências de tempo/contraste, a posição inicial da sentença. Considerando que essa é a posição típica de jutores contrastivos, observamos que, ao ocupá-la, *agora* está mais próximo da categoria dos jutores, passando já a desempenhar, em certa medida, um trabalho de junção das orações. Ao iniciar uma oração estabelecendo, entre o conteúdo proposicional nela expresso e o conteúdo da oração anterior, uma relação temporal, *agora* acaba também por indicar uma relação entre as duas orações, parecendo ser o “elo” que vincula uma oração à outra. Os contextos acima apresentados, portanto, mostram-se favoráveis tanto à reanálise semântico-pragmática de *agora* quanto à sua reanálise morfosintática. Mesmo nas construções em que a oração constituída por *agora* é introduzida por um juntor contrastivo (que não poderia ocupar outra posição na sentença), os dados mostraram que a tendência é a de *agora* aparecer logo após o juntor, de modo que, embora, nessas construções, não ocupe o início da oração, se situa à sua esquerda, estando, portanto, ainda assim próximo à posição inicial.

Conclusões

A análise da variação contextual observada nos usos contemporâneos de *agora* permitiu identificar um conjunto de contextos que se caracterizam por uma relação de sequencialidade temporal, em que a construção com *agora* expressa um tempo posterior em relação a um tempo anterior. Essa relação temporal tende a ser reinterpretada como uma relação contrastiva, a partir de dois aspectos contextuais principais: a presença de itens/expressões semanticamente opostos e a presença de marcas dialógicas. Esses traços contextuais revelaram-se, na análise, importantes motivações pragmáticas das mudanças atravessadas pelas construções com *agora*, já que levam a inferências do sentido de contraste. Nessa perspectiva, a análise desenvolvida reuniu indícios de que os contextos *bridging* postulados por Heine (2002) desempenham um papel chave nos estágios iniciais da gramaticalização, especialmente pelo fato de serem os contextos em que o significado alvo emerge, embora ainda em um nível pragmático.

Na seção 2, chamamos a atenção para dois processos principais de inferenciação pragmática que tendem a motivar as mudanças por gramaticalização: a metáfora e a metonímia. A partir da análise desenvolvida, é possível concluir que, nos primeiros estágios da gramaticalização das construções com *agora*, provavelmente atuam tanto inferências de natureza metafórica quanto inferências de natureza metonímica. A metáfora atua disparando inferências de que a relação entre os eventos descritos não é apenas temporal, mas também contrastiva, de modo que, por meio da inferenciação metafórica, contraste é compreendido em termos de tempo. A metonímia, por sua vez, também leva à associação entre os sentidos de tempo e contraste, mas essa associação se dá por meio da reanálise contextual, isto é, elementos presentes no contexto sinalizam a existência de significados “extras”, indicando que o locutor não pretende veicular apenas tempo, mas também contraste.

O estágio marcado por contextos *bridging* é uma etapa da mudança em que a interação entre sistema cognitivo e mudança linguística se torna saliente, já que se configura em um estágio de inferências do significado alvo, que podem ser compreendidas como processos cognitivo-comunicativos, na medida em que constituem estratégias de uso da língua orientadas às intenções dos falantes/escreventes e dependem muito de seu conhecimento do mundo e da língua. Assim, o estudo dos processos inferenciais que atuam especialmente no início da gramaticalização permite não apenas elucidar as motivações de tal processo, mas pode também contribuir com a compreensão de como se dá o processamento de significados na mente dos usuários da língua, ampliando, por consequência, o entendimento das relações entre cognição, língua e mudança.

REFERÊNCIAS

- BYBEE, J. Cognitive processes in grammaticalization. In: THOMASELLO, M. (Ed.). *The New Psychology of Language*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates Inc., 2002.
- _____. Mechanisms of change in grammaticalization: the role of frequency. In: JOSEPH, B.; JANDA, R. (Ed.). *The handbook of historical linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003.
- _____. *Language change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.
- CUNHA, M. A. F.; OLIVEIRA, N. F. Os advérbios *já*, *mais* e *ainda* nas orações negativas. *Revista Estudos Linguísticos*, Belo Horizonte, v. 2, p. 63-77, jan./jun., 1993.
- DIEWALD, G. A model for relevant types of contexts in grammaticalization. In: WISCHER, I. (Ed.). *New reflections on grammaticalization*. Philadelphia, PA, USA: John Benjamins Publishing Company, 2002. p. 103-120.
- HEINE, B. et al. *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago: The University of Chicago Press. 1991.
- _____. On the role of context in grammaticalization. In: WISCHER, I. (Ed.). *New reflections on grammaticalization*. Philadelphia, PA, USA: John Benjamins Publishing Company, 2002. p. 83-102.
- HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- KORTMANN, B. *Adverbial subordination: a typology and history of adverbial subordinators based on European languages*. New York: Oxford University Press, 1997.
- LABOV, W. On the mechanism of linguistic change. In: GUMPERZ, J. J.; HYMES, D. *Directions in sociolinguistics: the ethnography of communication*. New York: Hold, Rinehart and Winstion, 1972.
- LONGHIN, S. R. *Tradições discursivas: conceito, história e aquisição*. São Paulo: Cortez, 2014.
- SCHWENTER, S. Viewpoints and polysemy: linking adversative and causal meanings of discourse markers. In: COUPER-KUHLEN, E.; KORTMANN, B. (Eds). *Cause, condition, concession, contrast*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2000. p. 257-281.

SWEETSER, E. *From etymology to pragmatics: metaphorical and cultural aspects of semantic structure*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

TRAUGOTT, E. Pragmatic strengthening and grammaticalization. *Proceedings of the Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society*. 1988. p. 406-416.

_____. *Revisiting subjectification and intersubjectification*. Berlin: De Gruyter Mouton, 2010a. p. 29-70.

_____. Dialogic contexts as motivations for syntactic change. In: CLOUTIER, R.; HAMILTON-BREHM, A. M.; KRETZSCHMAR, W. (Ed.). *Variation and change in English grammar and lexicon*. Berlin: De Gruyter Mouton, 2010b. p. 11-27.

TRAUGOTT, E.; KÖNIG, E. The Semantic-Pragmatics of Grammaticalization Revisited. In: TRAUGOTT, E.; HEINE, B. (Ed.). *Approaches to Grammaticalization*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1991. p. 189-218.

TRAUGOTT, E.; DASHER, R. B. *Regularity in semantic change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

Recebido em: 15/08/2016

Aprovado em: 29/11/2016